

Aquisição fonológica na perspectiva multirepresentacional

Thais Cristófaró Silva

UFMG

Christina Abreu Gomes

UFRJ



1 Introdução

Esse artigo focaliza algumas das questões centrais relativas à aquisição fonológica sob a ótica dos modelos multirepresentacionais: a) o que constitui a unidade básica da fonologia e conseqüentemente a unidade básica da aquisição, b) como o conhecimento fonológico é armazenado e c) qual a relação entre abstração fonológica e variabilidade fonética. Pretendemos lançar um novo olhar a esses aspectos, considerando que o tratamento dessas questões sob a perspectiva multirepresentacional pode trazer contribuições relevantes para a aquisição da linguagem e que também dizem respeito à compreensão da natureza da linguagem humana.

Os estudos sistemáticos sobre a aquisição da linguagem são relativamente recentes, embora a pesquisa sobre aquisição tenha se consolidado já no estruturalismo. Com relação à aquisição da fonologia de sua língua materna pela criança, data do estruturalismo a definição que permeia a maioria das abordagens teóricas atualmente vigentes na Lingüística. Jakobson (1941/1968) estabeleceu uma relação entre aquisição fonológica, universais fonológicos das línguas e perda fonológica na afasia. O desenvolvimento da fonologia segue, portanto, uma ordem universal e inata de aquisição regulada por um conjunto de leis estruturais. Em vista disso, todas as crianças seguem um mesmo padrão aquisitivo, o que implica em um papel passivo da criança no período aquisitivo. As postulações de Jakobson têm sido questionadas desde então a partir de evidências empíricas. Há estudos que indicam um papel

ativo das crianças no processo aquisitivo, indicando diferenças no desenvolvimento fonológico de crianças adquirindo uma mesma língua, uma vez que as crianças criam e inventam suas próprias palavras não necessariamente baseadas no modelo do adulto (STOEL-GAMMON & COOPER, 1984; VIHMAN & CROFT, in press); criam padrões lexicais ou rotinas articulatórias preferenciais de palavras alvo que apresentam estrutura fonológica semelhante (VIHMAN & CROFT, in press), só para citar alguns casos. Além disso, há evidências que apontam que as crianças não seguem exatamente uma mesma ordem de aquisição de fonemas tanto em estudos comparativos de crianças adquirindo a mesma língua ou de línguas diferentes (VIHMAN & VELLEMAN, 2000) e parecem estar adquirindo palavras ou estruturas silábicas mas não fonemas ou oposições distintivas (FERGUSON & FARWELL, 1975, VIHMAN & CROFT, in press). Este ponto é importante porque um dos aspectos que pretendemos abordar neste artigo sobre a aquisição da fonologia é justamente quais são as unidades primitivas a serem adquiridas pela criança. Do ponto de vista do estruturalismo e do formalismo as unidades a serem adquiridas e que seriam relevantes para a descrição lingüística seriam, respectivamente, os fonemas ou as unidades mínimas contrastivas, os traços distintivos. Casos de variação, ou seja, casos de alofonia, não seriam pertinentes aos estudos da aquisição.¹

Dando seqüência a tal raciocínio, deduz-se que a variação é externa à aquisição da linguagem. Num percurso histórico podemos dizer que excluir a variabilidade da aquisição e da Gramática decorre de pressupostos teóricos que sugerem uma gramática simples e econômica, minimizando representações. Neste contexto, a gramática de uma determinada língua é concebida como parte da Gramática Universal (GU) que decorre da capacidade inata da espécie humana de aquisição da linguagem.

Um ponto importante a ser ressaltado é que a maioria dos trabalhos sobre a aquisição da linguagem focaliza a produção da linguagem, sendo a percepção delegada a um segundo plano (ou excluída). Embora saibamos que há variação na linguagem produzida por todo e qualquer indivíduo, sabemos que a habilidade perceptual dos seres humanos é muito maior do que o que pode ser observado na produção da fala. Portanto, para efeitos descritivos e teóricos parece (pareceria) ser mais apropriado trabalhar em um

¹ Contudo, alofones são comumente listados entre os sons a serem adquiridos (LAMPRECHT, 2004: 169).

único nível e este geralmente foi o nível de produção.² Considerando-se que a maioria das análises avaliam dados de produção da linguagem infantil este será o enfoque em nosso trabalho: a produção. Contudo, alertamos que a nossa conclusão ao final deste trabalho é de que o modo perceptual é de crucial importância na construção da Gramática e na habilidade do uso desta pelos humanos como seres atuantes em suas comunidades de fala.

2 Reflexões sobre a aquisição da linguagem

Iniciaremos nossa reflexão tomando como base a pesquisa já consolidada sobre aquisição, desenvolvida pelos diversos pesquisadores localizados principalmente no Rio Grande do Sul (organizados em torno dos núcleos de pesquisa da UFRGS, Universidade de Pelotas e PUCRS).³ Os trabalhos destes pesquisadores constituem referência para qualquer estudo que venha a se desenvolver sobre aquisição do português brasileiro. Nosso objetivo é o de buscar em tais trabalhos subsídios para confrontar diferentes abordagens teóricas a respeito do conhecimento fonológico e da aquisição da fonologia.

Os dados a seguir são apresentados em Lampretch et al. 2004. Tais dados indicam a seqüência de ocorrência dos sons em questão durante a aquisição sendo que o sinal > indica que o som que o segue foi adquirido posteriormente ao som que antecede tal sinal.⁴

Vogais: a > i,u > e,o > O,E (Giovana Bonilha)

Oclusivas e nasais: ptk > bd > g e m,n > nh (Gabriela Freitas)

Fricativas: vf > zs > j,sh (Carolina Oliveira)

Líquidas: l > R > lh > r (Carolina Mezzomo e Letícia Ribas)

A ordem de aquisição de sons específicos só se faz pertinente se assumimos que categorias abstratas (fonemas) são adquiridas de maneira independente entre si e que são a unidade em torno da qual a fonologia se organiza. Cognitivamente sabemos que seres humanos reduzem minimamente as palavras em sílabas e não em segmentos individuais. Ou seja, uma palavra como 'tatu' pode ser

² Para perspectivas que abordam a percepção na aquisição da linguagem veja, por exemplo, Juskczyk (1997).

³ Há vários pesquisadores ligados a estas e outras universidades locais do Rio Grande do Sul. Os trabalhos destes pesquisadores em aquisição foi iniciado pelo Prof. Mehmet Yavas e tem sido continuado, sobretudo, pelas Profas. Regina Lampretch e Carmen Matzenauer.

⁴ O nome entre parênteses ao final de cada linha indica a(s) autora(s) que apresentam artigos no referido volume: Lampretch et al. 2004.

mais facilmente fragmentada em 'ta-tu' do que em 't-a-t-u'. De fato, há indícios de que a unidade de interpretação na fonologia é a sílaba e não o segmento (MEHLER, DOMMERGUES, FRAUENFELDER & SEGUL, 1981; FINNEY, PROTOPAPAS & EIMAS, 1996). Por exemplo, há evidências de que adultos falantes do chinês, alfabetizados somente na escrita ideográfica, apresentaram dificuldade para identificar segmentos no contínuo da fala (READ et al., 1986); crianças ainda não alfabetizadas são mais bem sucedidas em testes metafonológicos no nível da sílaba do que na identificação de fonemas (FREITAS, 2004), e a percepção de unidades contrastivas mínimas como os traços distintivos parece ainda não estar completamente estabelecida até o início da adolescência, conforme no estudo de Hazan e Barrett (2000), sobre o contraste /g/-/k/, /d/-/g/, /s/-/z/ and /s/-/S/ no inglês, sugerindo que o gradiente de identificação aumenta significativamente entre as idades de 6 e 12, mas aos 12 as crianças ainda não categorizam o contraste fonêmico consistentemente como os adultos.

Adicionalmente, há evidências de que variáveis contextuais (alofones) são relevantes na aquisição da fonologia e na percepção de unidades fonológicas. Pierrehumbert (1999) observa que a amplitude da alofonia contextualmente condicionada é específica de cada língua, mesmo para aqueles casos análogos entre línguas. Citando o estudo de Flege e Hillenbrand (1986), sobre a duração de /s/-/z/ pós-vocálico em falantes do inglês e do francês, observa que a diferença de duração da vogal e da sibilante nas duas línguas também se reflete na percepção. A duração da vogal que precede uma obstruinte sonora no inglês é maior que a do francês, ao passo que é a fricativa no francês que apresenta maior duração. O teste de percepção do estímulo *peace/peas* mostrou que os ingleses utilizam a pista da duração da vogal e os franceses o da duração da consoante para interpretar o estímulo. É necessário, portanto, estabelecer mecanismos de aquisição que sejam capazes de dar conta das distribuições quantitativas dos dados onéticos. Em outras palavras não apenas os fonemas são relevantes na aquisição da linguagem, mas também os alofones. Os alofones expressam informações importantes referentes a parâmetros distribucionais que são cruciais para a organização de sistemas lingüísticos.

Mesmo tomando o fonema como unidade independente de aquisição, todos os trabalhos já mencionados, que caracterizam a aquisição segmental do português brasileiro, avaliaram a distribuição dos segmentos estudados de maneira geral e também com relação a ambientes específicos: tonicidade, número de sílabas, início ou final de palavra, etc. Ou seja, uma avaliação distribucional

explícita parece ser importante para se caracterizar a aquisição da linguagem e, em última análise, para a caracterização da organização fonológica.

3 Modelos multirepresentacionais

Chamaremos de modelos multirepresentacionais aqueles que assumem que representações são múltiplas e gerenciadas por parâmetros probabilísticos. A Linguística Probabilística e os modelos baseados no uso propõem uma arquitetura de gramática em que o léxico é organizado multidimensionalmente em função de similaridades fonéticas e semânticas (cf. BYBEE, 2001, BOD, HAY & JANNEDY, 2003; PIERREHUMBERT, 2001). Assume-se, pelo menos, dois níveis hierárquicos de representação das formas das palavras: um nível das formas fonéticas possíveis de realização dos itens lexicais que fazem parte da experiência do falante de ouvir e produzir os itens lexicais, e um nível mais abstrato de categorias fonológicas e relações diversas como, por exemplo, relações fonotáticas, morfológicas e semânticas, que emergem das generalizações presentes no nível fonético. Portanto, nesse modelo, as representações fonéticas são abstrações da fala e a fonologia emerge da organização da gramática cuja relação simbólica entre forma e significado sugere um léxico plástico e dinâmico. Existem evidências que apontam para o fato de que os níveis de abstração podem se desenvolver independentemente na aquisição (BECKMANN et al., 2004), uma vez que características que diferenciam crianças com desvio fonológico e déficit específico da linguagem poderiam estar associados a problemas nos dois níveis de representação (nível fonético e nível de representação abstrata). A aquisição da linguagem pode ser então entendida como um ajustamento da representação mental das formas sonoras das palavras conjugadas com os respectivos significados que propiciam a emergência das abstrações consolidando um léxico com propriedades importantes na gramática (VIHMAN & CROFT, in press). É de se esperar que a representação lingüística seja dinâmica e sendo assim possa ser alterada no curso da aquisição da linguagem a partir da experiência da criança com o seu universo lingüístico, havendo a constante reorganização do léxico em expansão e oferecendo generalizações maleáveis. Esta perspectiva, obviamente, impõe desafios para as propostas de aquisição da linguagem que acatam o caráter inato e universal da aquisição da linguagem. O que pretendemos apresentar a seguir é uma avaliação de alguns aspectos que podem ser relevantes na exploração de aspectos de aquisição da linguagem que

podem ser avaliados em pesquisas futuras. Adicionalmente, sugerimos como tais aspectos podem contribuir para ampliarmos o nosso conhecimento sobre a natureza e organização da linguagem e em última instância oferecem subsídios para que possamos responder as perguntas formuladas no início deste artigo.

4 Representação múltipla, padrões emergentes e aquisição

Seguindo a proposta de Vihman e Croft (in press) sugerimos que segmentos são adquiridos em padrões lexicais específicos (templates) que refletem aspectos distribucionais de uma língua em particular que gerenciam o léxico de tal língua. Adicionalmente, sugerimos que modelos multirepresentacionais oferecem instrumentos que permitem acomodar duas noções importantes: a) detalhe fonético incorporado às representações (fonemas e alofones) e b) segmentos (sejam fonemas ou alofones) se relacionam com unidades maiores (sílabas e palavras) conciliando a organização básica da Gramática: forma e significado. Nesta seção discutiremos esta proposta e vamos também sugerir que em abordagens multirepresentacionais a variabilidade sociolinguística é incorporada propiciando uma Gramática dinâmica e maleável, com correlatos apropriados de uso. Neste contexto podemos explicar resultados às vezes/aparentemente contraditórios que são registrados quando comparamos trabalhos longitudinais de aquisição da linguagem.

Segundo Vihman e Croft, in press, a abordagem baseada em “templates” tem como hipótese central que a estrutura segmental das palavras está representada em moldes/templates fonotáticos que são específicos de cada língua. A organização dos moldes lexicais no léxico inicial da criança pode ser verificada em diferentes línguas (as evidências apresentadas pelos autores são do inglês, estoniano e alemão), e é o resultado de uma abstração baseada no uso ou processo de indução, que se ancora tanto à prática do balbucio quanto na experiência com os padrões dos adultos. Os moldes/templates resultantes constituem padrões que emergiram do primeiro repertório de padrões fonéticos da criança em interação com a estrutura fonológica implícita das palavras da língua ambiente que a criança tenta reproduzir. Categorias fonológicas irão emergir gradualmente de diferentes maneiras para diferentes crianças. Esse padrão desenvolvimental está de acordo com o que também tem sido observado em estudos sobre a aquisição inicial da sintaxe, em que a estrutura em torno do verbo (*‘verb island’*) tem sido encontrada ao invés de uma gramática abstrata mais geral (TOMASELLO, 2000). Na gramática do adulto ou na gramática

adquirida, as categorias segmentais fonológicas são melhor/mais bem definidas em função de suas ocorrências em termos de posições nos moldes, mas não como categorias independentes universais. Vihman e Croft (in press) apresentam evidências empíricas que sustentam a postulação de que as categorias fonológicas encontradas em diversos níveis de generalização, do mais concreto (ocorrências do mesmo segmento) ao mais abstrato (categorias como consoante, vogal, etc) são definidas em função de uma posição num molde fonológico. Se as categorias das unidades segmentais fonológicas são definidas posicionalmente na palavra, então o molde/template lexical é a unidade primária de representação fonológica e as categorias segmentais individuais são derivadas dela. Os autores também observam (p. 53) que a representação em exemplares, conforme nos modelos baseados no uso e na lingüística probabilística, parecem ser um modelo plausível para a emergência de estrutura fonológica a partir de traços repetidos de memória. A proposta de moldes lexicais também é sustentada pelas representações não-lineares (p. 55) uma vez que propriedades fonológicas e traços não estão ligados a um segmento particular da palavra, isto é, podem estar ligados a um único segmento ou se estender a múltiplas posições.

5 Alguns estudos do português brasileiro sob a ótica da multirepresentacionalidade

Abordagens multirepresentacionais são recentes e os trabalhos a serem discutidos abaixo expressam resultados preliminares. Tais trabalhos oferecem evidências para a proposta multirepresentacional, sobretudo quanto à importância de se acomodar o detalhe fonético às representações e a palavra como sendo o lócus representacional. Quanto à organização dos sistemas sonoros em redes alinhavadas em vários níveis há evidências com relação à organização de padrões silábicos e evidências adicionais devem ser buscadas em estudos de aquisição de padrões morfológicos específicos (sobretudo aqueles relacionados com casos de alomorfia). Consideremos três casos particulares: a aquisição de onset complexo e de africadas no dialeto de Belo Horizonte e a aquisição de onset complexo no dialeto carioca.

5.1 *Contraste implícito/explicito na aquisição da sílaba CrV em BH*

Miranda (2006) observa que antes de adquirir o encontro consonantal a criança utiliza um padrão CV para expressar um

padrão CCV, como, por exemplo, 'boa' para 'broa'. A autora investiga então através da análise acústica, a hipótese de que quando ocorre o cancelamento do tepe em encontro consonantal (*broa* > *boa*), a vogal que segue a sílaba que deveria ter o padrão CCV é alongada na fala de crianças que ainda não adquiriram o padrão CCV. Miranda (2006) considera 10 pares mínimos de palavras com e sem o encontro consonantal (ex.: *broa/boa*) na fala de 10 crianças que já adquiriram o encontro consonantal tautossilábico e um outro grupo com 10 crianças que ainda não adquiriram o encontro consonantal. As medidas da duração das vogais são referentes as sílabas CCV e CV de pares mínimos, produzidas pelos informantes. Os resultados de Miranda indicam que as vogais das palavras com sílaba CCV produzidas por crianças que ainda não adquiriram o encontro consonantal (ex.: pronunciaram [boa] para *broa*), foram mais longas do que as vogais das palavras com sílaba CV (ex.: *boa*). A diferença de duração da vogal foi estatisticamente significativa ($p < 0,05$) para todos os 10 pares mínimos analisados.

A autora lança mão da proposta de Scobbie et al. (1996) quanto ao contraste implícito (covert) e contraste explícito (overt). O contraste implícito é de alguma maneira realizado foneticamente pelo falante, mas não é processado pelos demais membros da comunidade de fala. Já o contraste explícito é realizado e percebido na comunidade. Sendo assim, a criança que diz "boa" para "broa" utiliza a estratégia de alongamento da vogal para caracterizar um contraste que ainda não definido da maneira regularmente utilizada pelos membros da comunidade de fala (entre CCV e CV). A criança sabe da existência das duas consoantes consecutivas do encontro consonantal e apesar da criança cancelar o tepe do encontro consonantal tautossilábico, ela produz de forma diferenciada as sílabas CCV, como por exemplo "boa" (para *broa*), e palavras com sílabas CV, como por exemplo "boa". Crianças que já adquiriram a sílaba CCV não apresentam o alongamento vocálico encontrado nas crianças que ainda não adquiriram o encontro consonantal. Os resultados deste estudo apontam evidências de gradualidade fonética na aquisição de padrões silábicos específicos como formulado por modelos multirepresentacionais.

5.2 Aquisição de alofones: africadas alveopalatais no português brasileiro

A aquisição de africadas é geralmente observada no português brasileiro, mesmo que este sons sejam alofones nesta língua (LAMPRETCH et al., 2004). A expectativa é que a criança inicia sua

produção com uma consoante oclusiva, digamos em *tia*, e evolua para a produção de uma africada: [tʃia]. Guimarães (em andamento) busca lançar um novo olhar na aquisição de alofones com foco nas africadas. A autora investiga através de análise acústica acurada a emergência de consoantes africadas no português de Belo Horizonte. Os parâmetros investigados são a duração segmental, o VOT (Voice Onset Time) e a aspiração (se houver). A autora considera ainda casos de sibilantes que por vezes são adotadas como estratégia para a pronúncia de uma africada [sia] para *tia*.

Guimarães (em andamento) observa que há grande variabilidade de padrões (templates) que são utilizados pelas crianças. A autora analisa em estudo transversal a fala de 20 crianças de 1:4 a 2:11 anos. Um estudo longitudinal foi desenvolvido com 4 crianças na expectativa de capturar a emergência e estabilização das africadas em um mesmo indivíduo.

A autora observa que grande variabilidade fonética é atestada tanto nas oclusivas, quanto nas sibilantes e nas africadas na fase inicial da aquisição. Portanto, temos dados que oferecem indícios que a variabilidade é inerente aos segmentos na fase inicial da aquisição e não a segmentos específicos (no caso alofones). Algumas estratégias, como por exemplo, aspiração ou alongamento são utilizadas pelas crianças na busca de estabilizarem uma consoante africada. Um ponto interessante observado pela autora é que seus dados mostram a aquisição da linguagem em caráter dinâmico e inovador constantes que conjuga as especificidades do falante, a construção de um léxico e os padrões estruturais de maneira probabilística. Valores probabilísticos indicam a tendência central a ser definida em uma determinada categoria (que pode, e geralmente tem, membros marginais). Tais resultados são compatíveis com os modelos multirepresentacionais discutidos nesta seção e indicam que símbolos fonéticos como os do IPA (International Phonetics Association) não capturam a evolução e a dinamicidade inerentes à aquisição da linguagem.

5.3 Variação sociofonética e aquisição do padrão silábico CC(V) no RJ

O trabalho de Gomes et al. (2006) sobre a aquisição de onset complexo por crianças falantes do dialeto carioca traz evidências sobre a relação entre a abstração de padrões fonológicos e a variação sociofonética, uma vez que as variantes são formas fonéticas diferentes da mesma palavra e podem também refletir competição de

padrões fonológicos. A realização dos grupos CL(V) e CR(V) não é categórica no dialeto carioca, e corresponde a duas variáveis sociofonéticas: *a)* alternância de líquida em grupo consonantal (também referida na literatura como rotacismo) para os itens que têm a lateral como alvo na língua padrão, como em *glöbu ~ grobu*, e *b)* alternância entre realização e ausência do tepe alveolar para os itens que têm a vibrante como alvo no padrão, como *livru ~ livu*, *precisa ~ picisa*. O tepe nas palavras que têm a lateral como alvo é estigmatizado e constitui um marcador social, ao passo que o estigma da ausência do tepe, no segundo caso, depende do item lexical, não sendo percebido em *própiu* e estigmatizado em *pograma*. A análise quantitativa de dados coletados da fala de 19 crianças entre 2 e 5 anos revelou que a acuracidade na realização da líquida nos dois grupos de itens lexicais, portanto a realização do padrão CCV, independentemente de qual líquida foi realizada como segunda consoante do grupo, reflete a natureza da variação sociofonética observada na comunidade de fala. Interessante observar que as poucas realizações de CCV com lateral alvo nas faixas etárias iniciais ocorreram também utilizando o tepe. As distribuições de frequência de realização de CCV em função da líquida alvo por idade revelam diferenças desenvolvimentais interessantes e estatisticamente relevantes ($X^2 = 5.946$, $df = 1$, $p\text{-value} = 0.014$). Os percentuais mais altos de realização de CCV correspondem às palavras com a lateral como alvo entre 3;0 e 4;6 anos, se comparadas às que apresentam o tepe como alvo. As crianças só chegam ao mesmo percentual de ocorrência de CCV para os dois grupos de itens lexicais na faixa de 5;0 anos. A mesma distribuição se observa se considerarmos somente os casos em que os grupos consonantais estão em sílaba tônica (Gráficos 1 e 2, adiante). Dado que as representações lingüísticas mudam no curso da aquisição em função da exposição da criança ao *input* e a constante reorganização do léxico em expansão, os resultados apontam para uma explicação das diferenças desenvolvimentais observadas em função da ocorrência das formas no *input* ao invés de restrições universais, que seriam gerais para a estrutura CCV, uma vez que esses resultados diferem de dados aquisitivos de outros dialetos (Ribas, 2003). As diferenças de distribuição de frequência em função da idade podem ser entendidas como reflexo da natureza da variação sociofonética que no caso do rotacismo envolve a diferença fonética entre as palavras e no caso da alternância tepe ~ Ø envolve também a competição entre padrões silábicos diferentes CCV ~ CV.

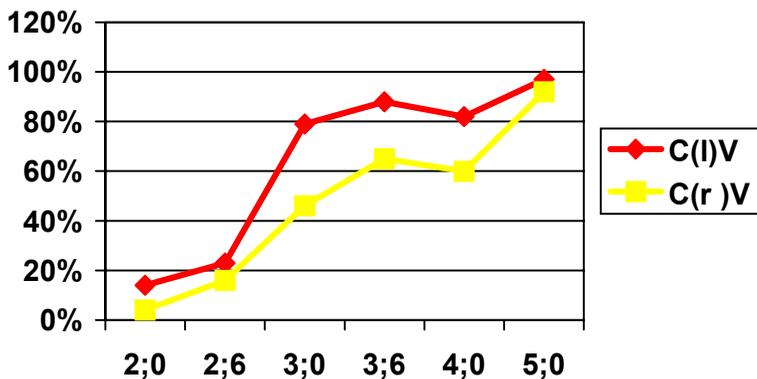


GRÁFICO 1 – Ocorrência de CCV em função da líquida por idade.

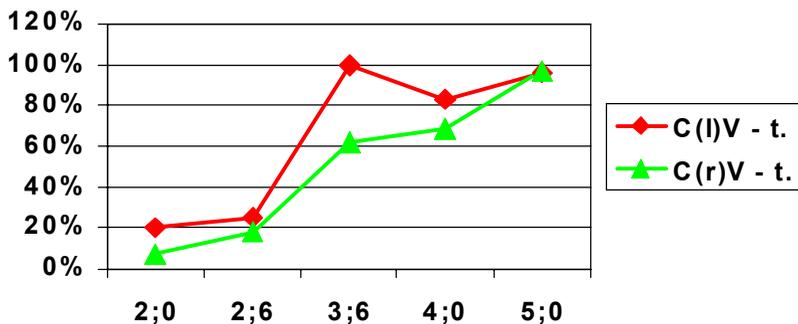


GRÁFICO 2 – Ocorrência de CCV na sílaba tônica em função da líquida por idade.

6 Conclusão

Na expectativa de contribuir com a discussão de pontos teóricos polêmicos entre as abordagens universalistas e a perspectiva multirepresentacional da aquisição da linguagem, este trabalho avalia alguns resultados preliminares de pesquisa com crianças brasileiras em fase de aquisição da linguagem. A aquisição e variabilidade observada na aquisição de encontros consonantais tautossilábicos, CCV, indicam que estratégias diferentes das do adulto podem ser utilizadas pela criança para caracterizar um

contraste atestado na língua de uma forma explícita ou implícita (MIRANDA, 2006). O estudo sobre a aquisição de africadas desenvolvido por Guimarães (em andamento), mostra que a variabilidade é inerente à fala e não somente presente em casos específicos de alofonia ou em segmentos específicos. No caso dos segmentos analisados – oclusivas, sibilantes e africadas – as três categorias segmentais são construídas em padrões (templates) refletindo a variabilidade do indivíduo. Adicionalmente, este trabalho mostra que a variabilidade gerencia a evolução e a dinamicidade inerentes à aquisição da linguagem. Os estágios de desenvolvimento aquisitivo atestados para a estrutura CCV no trabalho de Gomes et al. 2006 trazem evidências adicionais para o fato que as crianças são sensíveis às distribuições das variantes observada na comunidade de fala em que estão inseridas, e que a natureza da variabilidade pode interferir no processo aquisitivo. Finalmente, os resultados aqui apresentados corroboram a importância de se considerar a variabilidade como parte da estrutura lingüística.

Referências

- BECKMANN, M.; MUSSON, B.; EDWARDS, J. Vocabulary growth and the expansion of types of phonological knowledge. COLE, J.; HUALDE, J. (Ed.). *Laboratory Phonology*, v. 9, Amsterdam: Mouton de Gruyter.
- FERGUSON, C.; FARWELL, C. Words and Sounds in early Language Acquisition. *Language*, n. 51, p. 419-439, 1975.
- FINNEY, Steven A.; PROTOPAPAS, Athanassios; EIMAS, Peter D. Attentional Allocation to Syllables in American English. In: *Journal of Memory and Language*. 1996.
- FLEGE, J.; HILLENBRAND, J. Perception of the English [s-z] contrast by American, French, Swedish and Finnish listeners. *Journal of the Acoustical Society of America*, n. 79, p. 508-517, 1986.
- FREITAS, G. *Consciência fonológica e aquisição da escrita: um estudo longitudinal*. 2004. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- GOMES, C. et al. Acquisition of complex syllables in Brazilian Portuguese. CHILD LANGUAGE SEMINAR, 2006, University of Newcastle, Newcastle, UK.
- GUIMARÃES, D. *Aquisição de alofones: um estudo sobre a emergência das africadas alveopalatais no português brasileiro*. (Em andamento). Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.
- HAZAN, Valerie; BARRETT, Sarah. The development of phonemic categorization in children aged 6+12. *Journal of Phonetics*, n. 28, p. 377-396, 2000.

- MEHLER, J.; DOMMERGUES, J. Y.; FRAUENFELDER, U.; SEGUI, J. The syllables's role in speech segmentation. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, n. 20, p. 298-305, 1981.
- MIRANDA, Izabel. *Aquisição e variação estruturada de encontros consonantais tautossilábicos*. 2006. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.
- PIERREHUMBERT, Janet. What people know about sounds of language. *Studies in the Linguistic Sciences*, v. 29, n. 2, p. 111-120, 1999.
- _____. Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. *Frequency and the emergency of linguistic structure*. John Benjamins. 2001.
- READ, C.; YUN-FEI, Z.; HONG-YIN, N.; BAO-QING, D. The ability to manipulate speech sounds depends on knowing alphabetic writing. *Cognition*, n. 24, p. 31-44, 1986.
- RIBAS, L. Onset complexo: características da aquisição. *Letras de Hoje*, n. 132, p. 23-32, 2003.
- SCOBIE, J.; GIBBON, F.; HARDCASTLE, W.; FLETCHER, P. Covert contrast as a stage in the acquisition of phonetics and phonology. *QMC Working Papers in Speech and Language Sciences*, v. 1, p. 43-62, 1996.
- STOEL-GAMMON, C.; COOPER, J. Patterns of early lexical and phonological development. *Journal of Child Language*, v. 11, n. 2, p. 247-271, June 1984.
- TOMASELLO, M. Do young children have adult syntactic competence? *Cognition*, v. 74, n. 3, p. 209-253, 2000.
- VIHMAN, M.; CROFT, W. Phonological development: towards a “radical” templatic phonology. *Linguistics*. (in press).
- VIHMAN, M.; VELLEMAN, S. Phonetics and the origin of Phonology. In: BURTON-ROBERTS, N.; CARR, P.; DOCHERTY, G. (Ed.). *Phonological knowledge: conceptual and empirical issues*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

Tempos idos

Elvo Clemente

Zeno Cardoso Nunes lançou em fins de 2005 o livro – **TEMPOS IDOS** com poesias clássicas e gauchescas. Nasceu em São Francisco de Paula a 15 de agosto de 1917. Em suas andanças foi agricultor e criador de gado. Na juventude enveredou nos caminhos dos estudos, advogado, jornalista transferindo-se para Porto Alegre, casou com Corita Rosa, natural de Jaguarão. É fiscal do ICMS aposentado. Dedicou-se à poesia, ao ensaio e à lexicografia. Notabilizou-se pelo **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**, em 10ª edição em 2003, sendo coautor o mano Rui Cardoso Nunes. Realmente os manos fizeram notável pesquisa no vocabulário usado na fala de nosso povo. Foram a beberar-se em publicações rio-grandenses e na escuta dos falares dos campeiros. Por seus méritos literários Rui Cardoso Nunes tomou posse na Academia Rio-Grandense de Letras em 1954, sendo seguido pelo mano Zeno em 1971. As composições poéticas gauchescas e clássicas abriram-lhes as portas da Casa de Olinto de Oliveira. Os primeiros títulos dos livros: Versos, 1942; Briga de Touros e outras poesias; 1984; Morcegos e outras poesias, 1985; Cadeira 27, 2001; Tempos idos, 2005. em sua tranqüilidade, apesar dos achaques, Zeno continua acionando a lira. Está preparando precioso ensaio sobre **A Liberdade do Homem**; Belo exemplo de trabalho e de amor às letras! Contemplando os *tempos vividos* escreve:

“Dissipou-me a miragem pura e linda/que era feita de sonhos nada mais./Mas a estância modesta, existe ainda,/meio arruinada pelos temporais” (p. 7)//.

Caracteriza com maestria a saudade no terceto final:

“Sou a alma de sonhos que morreram./Sou restos de ilusões que se perderam./ Sou Passado vivendo no Presente” (p. 9)//.

No seu anseio suspira e clama pela *Fraternidade*, conclui o coneto com os versos: “Por que não vens? A humanidade, exangue,/chibateada de dor, ébria de sangue,/está plantando a sua própria Cruz”/ (p.11). A produção literária de Zeno, abre-lhe as portas dos principais sodalícios: Estância da Poesia crioula, sócio-fundador; 35 Centro de Tradições gaúcha, sócio-fundador; Grêmio literário Castru Alves; Academia de Letras de Uruguaiana. Zeno Cardoso Nunes com o mano Rui são dois poetas, lexicógrafos, cultivadores do chão das letras, no endereço seguro da humanização da sociedade de nossa terra, vozes perenes de Esperança e de Amor luzindo para a Eternidade...